



Gabriella Crespi na sala de estar do seu apartamento milanês decorado com peças suas como o abajur Fungo (1974) de bambu

Abajur Fungo (1976), em latão e acrílico. Abaixo, lampião, em latão e murano, de 1975



Avestruz Aironi (1973) e, abaixo, bar Yang Yin (1979) reeditado para o último Salão do Móvel de Milão

Na onda dos ANOS SETENTA

Ícone do design italiano, Gabriella Crespi volta a dar o que falar, e suas peças retornam à *wish list* dos colecionadores POR FABRIZIO ROLLO

Gabriela é um nome que incorpora uma alma diferente em cada nação. Nós brasileiros temos a morena Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado. Na França, a órfã Gabrielle Chanel foi adotada pelo mundo como uma das maiores estilistas do século 20. A Itália, país referência no design industrial, não poderia ficar sem uma Gabriela à altura. Menos conhecida das massas, mas não menos importante, Gabriella Crespi é um dos nomes mais respeitados do design italiano. Não à toa, durante o Salão do Móvel de Milão, em abril passado, a Galeria Rita Fancsaly, em Brera, prestou homenagem ao seu trabalho com reedições de clássicos em série limitada e a exibição móveis vintage raros.

Formada em arquitetura na Politécnica de Milão, Gabriella Crespi

criou sua primeira coleção de móveis e objetos de décor (La Luna Collection) nos anos 50, mas foi apenas nos 70 que a designer ganhou fama internacional com trabalhos não apenas belos e arrojados, mas também funcionais.

Formas simples, às vezes orgânicas como as da coleção de mobiliário Yang Yin, inspirada na filosofia oriental, escondem técnicas de construção superinteligentes. Pranchas que deslizam sobre rodízios ou rolimãs embutidos na estrutura, como na mesa Dama (1970), o Cubo Mágico (1971) ou ainda a mesa de centro Ellisse (1976) em latão polido, são exemplos de criações que aliam beleza e praticidade. Todas têm abas laterais que, uma vez abertas como asas, duplicam seu tamanho.



O abajur Artichoke (1973) e a Z Desk (1974)

Me apaixonei por seu design graças a detalhes como esses que, por fora parecem simples, mas na verdade refletem uma engenhosidade única na construção interna de cada peça.

Gabriella Crespi consagrou-se com peças básicas e sofisticadas ao mesmo tempo, e seu design também é marcado pelo contraste e junção de materiais até então não explorados simplesmente por serem exóticos: latão dourado com couro usado em cadeiras do tipo pliant; aço inox com acrílico na escrivaninha Yang Yin ou no bar da mesma série executado em aço e laca; além de madeira e pedras nobres aplicadas como cedro do Líbano e mármore persa.

Logo que despontou, Gabriella chamou a atenção também de Jean Pierre Frère, na época responsável pela criação e curadoria de presentes para casa e *art de la table* da Dior, e começou a ser introduzida no mundo fashion. Nos anos 60, peças de sua coleção Piccoli Animali, com animais de bronze e murano, começaram a ser vendidas no icônico endereço da maison na Avenue Montaigne e, na década seguinte, Crespi foi encarregada de desenhar uma coleção de mobiliários exclusiva para a grife. Quase 40 anos mais tarde, em 2008,

Stella McCartney também se rendeu às criações de Gabriella e reeditou cinco peças da coleção de joias desenvolvida pela designer italiana em 1974, para celebrar sua nova *flagship* londrina.

De família importante, Gabriella conquistou clientes poderosos como Grace Kelly, o magnata grego George Livanos e o rei Faisal da Arábia Saudita. Com showroom nas tradicionais Via Montenapoleone em Milão e Via Condotti em Roma, suas criações logo se tornaram onipresentes nas casas da aristocracia europeia.

Uma de suas peças mais apaixonantes é a escri-

vaninha Z, assim chamada por conta das pernas laterais no formato da última letra do alfabeto, produzida em latão brilhante que sustenta o tampo de vidro. Tradicionalmente, os pés de um móvel podem ser em X - até mesmo o grande gênio da arquitetura moderna, o alemão Ludwig Mies van der Rohe, recorreu às tradicionais pernas cruzadas ao criar a famosa poltrona Barcelona, em 1929. Gabriella Crespi foi mais dramática e desenhou as duas laterais em forma de Z, quebrando mais uma vez o estabelecido. Suas peças são raras e disputadas a tapas em leilões mundo afora, especialmente por revendedores que sabem o quanto valem. As cifras têm atingido as alturas nos últimos anos, e ela se tornou um dos nomes mais valorizados dos anos 70. Já que estamos num *grand retour* dos *seventies*, nada mais natural que Gabriella Crespi esteja de novo na crista da onda.

De família IMPORTANTE, Gabriella conquistou clientes PODEROSOS como Grace Kelly e o MAGNATA grego George Livanos

vaninha Z, assim chamada por conta das pernas laterais no formato da última letra do alfabeto, produzida em latão brilhante que sustenta o tampo de vidro. Tradicionalmente, os pés de um móvel podem ser em X - até mesmo o grande gênio da arquitetura moderna, o alemão Ludwig Mies van der Rohe, recorreu às tradicionais pernas cruzadas ao criar a famosa poltrona Barcelona, em 1929. Gabriella Crespi foi mais dramática e desenhou as duas laterais em forma de Z, quebrando mais uma vez o estabelecido. Suas peças são raras e disputadas a tapas em leilões mundo afora, especialmente por revendedores que sabem o quanto valem. As cifras têm atingido as alturas nos últimos anos, e ela se tornou um dos nomes mais valorizados dos anos 70. Já que estamos num *grand retour* dos *seventies*, nada mais natural que Gabriella Crespi esteja de novo na crista da onda.



A Fendi na Avenue Montaigne, em Paris, decorada com mesa de centro Ellisse (1976)



Dior

O Javali e o pinguim de bronze e murano, da coleção Piccoli Animale, foram algumas das peças selecionadas pela Dior nos anos 70



Stella McCartney

O colar Butterfly (1974) foi reeditado por Stella McCartney em 2008

Fendi